



Encontro Internacional sobre Gestão
Empresarial e Meio Ambiente

TURISMO COMUNITÁRIO E HOSPITALIDADE SOLIDÁRIA: UM ESTUDO MULTICASO SOBRE HOSPITALIDADE E HOSPEDAGEM NA REDE TUCUM

MARIA DA GRAÇA DE OLIVEIRA CARLOS

Universidade de Fortaleza

mgcarlo@globo.com

ANA PAULA SALES ARAUJO

Centro Universitário Estacio do Ceará

anapturis@gmail.com

DAFNE OLIVEIRA CARLOS DE MORAIS

Fundação Getúlio Vargas - FGV/EAESP

dafne_oliveira@hotmail.com

KEULLY CRISTYNNNE AQUINO DIÓGENES

keully.aquino@gmail.com

TURISMO COMUNITÁRIO E HOSPITALIDADE SOLIDÁRIA: UM ESTUDO MULTICASO SOBRE HOSPITALIDADE E HOSPEDAGEM NA REDE TUCUM

RESUMO

O presente trabalho estudou o turismo comunitário no Ceará. O trabalho origina-se através de uma modalidade alternativa de turismo que tem demandado praticantes no estado, formando uma rede associada em comunidades litorâneas e hospedarias solidárias na capital Fortaleza. A pesquisa tem como objetivo geral conhecer iniciativas empreendedoras do turismo comunitário no Ceará, a partir da Rede Tucum – Rede Cearense de Turismo Comunitário, caracterizando o ambiente, os objetos de pesquisa e seus participantes. Foram pesquisados dois empreendimentos em visita monitorada, sendo uma hospedaria solidária localizada em Fortaleza e outra na Comunidade de Caetanos de Cima, localizada no município de Amontada, no litoral oeste, apresentando as formas de hospitalidade no turismo comunitário e identificando os meios de hospedagem existentes na Rede Tucum. A pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva e faz um estudo multicaso, e quanto ao objetivo geral, de caráter exploratório, e quanto aos objetivos específicos, descritiva. A base teórica desse trabalho foi pesquisada com base em Coriolano (2003; 2008; 2009), a partir dos conteúdos de hospitalidade solidária e turismo comunitário. Os resultados apontaram o constante crescimento e a descrição do turismo comunitário e hospitalidade solidária e suas formas de hospitalidade e hospedagem no Ceará.

Palavras-Chave: Turismo comunitário. Hospitalidade Solidária. Hospedagem. Rede Tucum.

ABSTRACT

This work studied the Community tourism in Ceará. The work comes through an alternative mode of tourism that has sued practitioners in the State forming a network associated with coastal communities and solidarity in the capital Fortaleza hostels. The research aims to know the entrepreneurial initiatives general community tourism in Ceará from Tucum Network-network community tourism Ceará, characterizing the environment, objects of research and its participants. We searched two visiting enterprises monitored, being a hostel located in Fortaleza and other solidarity in the community of Caetanos upstairs, in the municipality of Amontada, on the West Coast, showing the forms of hospitality in the Community tourism and identifying the means of existing hosting in Tucum Network. The research is qualitative, exploratory and descriptive and makes a parallel study, and about the general objective, exploratory, and as specific objectives, descriptive. The research is qualitative, exploratory and descriptive and makes a parallel study, and about the overall goal, exploratory, and as specific objectives, descriptive. The theoretical basis of this work was research based in Coriolano (2003; 2008; 2009) from the content of solidarity and community tourism hospitality. The results pointed to the constantly growing and the description of the Community tourism and hospitality and its forms of hospitality and Accommodation in Ceará.

Keywords: Community Tourism. Solidarity Hospitality. Hosting. Tucum Network.

1. INTRODUÇÃO

O turismo de base comunitária apresenta-se como atividade econômica importante mundialmente. Essa atividade é reconhecida como relevante para o desenvolvimento da comunidade local, visto que essa melhora a qualidade de vida da comunidade local, é responsável pela geração de emprego e renda e proporciona que as pessoas locais sejam as responsáveis pelo processo de tomada de decisão. Isso implica aos moradores ter um papel ativo e significativo na tomada de decisões que afetam a sua situação socioeconômica.

Neste contexto, diversos estudos foram desenvolvidos no intuito de elaborar mecanismo de gestão que garantam a comunidade ser responsável pelo processo de tomada de decisão, pelo planejamento e gestão (MITCHELL, 1998; MICHELL E REID, 2001; PINEL, 1998; REID et al., 1993). De acordo com Mitchell e Reid (2001), a maioria das decisões que afetam as comunidades são tomadas pela indústria do turismo e pelos governos. Para os autores, as pessoas e as comunidades são vistas como objetos e isso não tem sido propício para a sustentabilidade do turismo e tem gerado à deterioração e abandono de muitos destinos, prejudicando principalmente as pessoas locais.

No entanto, em países em desenvolvimento, a atividade de turismo de base comunitária ainda é limitada. As comunidades não conseguem desenvolver os mecanismos necessários para a sustentação da atividade (MITCHELL, 1998). De acordo com Mitchell e Muckosy (2008), o sucesso do TBC está relacionado a organização e a estrutura comunitária. Elas irão influenciar na forma com que as pessoas e comunidades comercializam seus produtos e serviços turísticos, e ainda na forma como distribuem os resultados obtidos pela atividade.

Mielky e Pegas (2013) destacam que o TBC enfrenta 3 tipos de problemas: o acesso ao mercado, a governança interna e a gestão das parcerias estratégicas. Os autores também destacam a necessidade de intervenção externa para o sucesso dos TBC, tais como: governo, financiadores, organizações não governamentais, consultores, empresas de turismo, dentre outros. Neste contexto, Reid et al. (1999) destaca o projeto criado pelo governo do Quênia, Vida Selvagem do Quênia, o qual prevê uma parceria que envolve as partes interessadas e as comunidades no processo de gestão e planejamento do turismo.

No Brasil, com o objetivo de disseminar o TBC e mitigar os problemas de gestão, criaram-se redes de meio de hospedagem. Tais redes representam estruturas que são orientadas para o desenvolvimento de estratégias de gestão no qual vários atores são envolvidos no processo de gestão. De acordo com Bodin e Crona (2009), a gestão com a participação de vários atores são capturadas no conceito de co-gestão, no qual a lógica envolvida é que ao envolver diferentes atores as complexidades inerentes à gestão podem ser mais adequadamente atendidas. Os estudos de Bodin e Crona (2009), Kwon, Kim e Yi-Kook (2011), Olsson et al., (2008), Shih (2010) Scholz e Wang (2006), comprovam a importância deste tipo de estrutura organizacional.

Neste contexto, a pesquisa busca se inserir no campo dos estudos que se propõem a identificar as características de redes de turismo comunitário. Para tanto, adota a Rede Cearense de Turismo Comunitário (TUCUM) como objeto de pesquisa e tem como objetivo geral da pesquisa: conhecer as iniciativas empreendedoras do Turismo Comunitário no Ceará, a partir da Rede Tucum- Rede Cearense de Turismo Comunitário. Como objetivos específicos foram determinados os seguintes: caracterizar o ambiente, os objetos de pesquisa e seus participantes e identificar dois meios de hospedagem estudados: o Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto, uma hospedaria solidária localizada na cidade de Fortaleza e a Comunidade de Caetanos de Cima, em uma de suas hospedagens domiciliares, o Espaço Cabaça de Colo.

O Ministério do Turismo (2010), em seu Plano Nacional de Turismo 2007-2010, destaca a importância do fortalecimento das redes de TBC para o desenvolvimento da comunidade. A

rede de Tusuco na Bolívia é apresentada como um modelo que permite o desenvolvimento da atividade turística de forma a promover a inclusão da comunidade local. Devido a isso e a outros fatores já apresentados, justifica-se a importância de conhecer as características existentes nas redes TBC.

A escolha da rede se dá em função da importância da Rede Tucum no TBC no litoral cearense e as características estruturais da rede. Atualmente a rede Tucum participação de dez comunidades costeiras, distribuídas nos municípios de Fortaleza, Aquiraz, Beberibe, Fortim, Icapuí, Camocim, Acaraú, Amontada e Flecheiras. Elas são indígenas, de pescadores e moradores de assentamentos rurais. Além disso, a rede conta dois pontos de hospedagem solidária em Fortaleza e o apoio de três ONGs: o Instituto Terramar no Brasil, a Associação Tremembé na Itália e a Fundação Amigos da Prainha do Canto Verde na Suíça.

2. TURISMO COMUNITÁRIO: FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS

O turismo de base comunitária é uma modalidade alternativa da atividade turística em que, diferentemente do turismo de massa, a comunidade é detentora dos recursos existentes e dos serviços ofertados ao visitante promovendo uma interação, pois adentra nos costumes do lugar não sendo somente um hóspede. É uma prática crescente no nosso país, sendo considerada uma proposta de modalidade turística. A atividade é baseada de acordo com a realidade vivida nas localidades.

O Turismo Comunitário representa toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, respeitando as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos (MALDONADO, 2009, p.31).

O autor ressalta como característica distinta do turismo comunitário a sua dimensão humana e cultural, ou seja, antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

Coriolano (2003, p.41) define o Turismo Comunitário como uma atividade desenvolvida pelos próprios moradores de um lugar que se tornam os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade. Com isso a atividade do turismo contribui para melhorar a qualidade de vida; levar todos a se sentirem capazes de contribuir, e organizar as estratégias do desenvolvimento do turismo.

Nesse sentido, Maldonado (2009) explica que a empresa comunitária é parte da economia social, mobiliza recursos próprios e valoriza o patrimônio comum com finalidade de gerar ocupação e meios de vida para seus membros.

A finalidade da empresa comunitária não é lucro nem a apropriação individual dos benefícios que são gerados, e sim a sua distribuição equitativa, através do investimento em projetos de caráter social ou de produção (MALDONADO, 2009, p.31).

Fabrino (2013, p. 24) frisa, que o turismo de base comunitária é uma proposta de desenvolvimento para o turismo, que pode ser pensada a partir de diversos segmentos” e nesse aspecto não pode ser tratada apenas mais um segmento de mercado.

De forma associativa as comunidades trabalham tendo o controle efetivo da renda gerada pelas atividades desenvolvidas pelo turismo e sob a terra, e o turista interage com o lugar e as famílias que ali residem. Essa prática alternativa de turismo mobiliza a comunidade para o bem-estar coletivo e social, pois, para Coriolano (2008, p.285): “O Turismo Comunitário é um processo de descoberta, quando a comunidade discute o que quer e o que pode fazer para o desenvolvimento das pessoas e do lugar”. Assim, a população local defende e afirma a premissa de que o território pertence à população local, trazendo novas oportunidades, gerando benefícios, desafios e novos seguidores.

O turismo alternativo de base comunitária requer menor densidade de infraestrutura e serviços, valorizar ambientes naturais e a cultura de cada lugar. (...) Trata-se de um outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que porventura se dirija a um mesmo destino (BURSZTYN, BARTHOLO E DELAMARO, 2009, p. 86). Para os autores, essa forma de turismo se contrapõe ao turismo massificado, pois respeita as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e mesmo resgatá-las

Coriolano ressalta (2009, p.285), “as comunidades se preocupam com este debate para a compreensão e formação dessa consciência [...] e recebem acompanhamento sistemático de colaboradores vinculados a ONGs, igrejas e universidades, para suporte tecnológico, jurídico e teórico-ideológico”. Essa proposta de desenvolvimento envolve a todos os moradores, pois incentiva o planejamento participativo, considerando os deveres e direitos coletivos e individuais, necessidades e respeitando a cultura local.

Tem centralidade em sua estruturação o estabelecimento de uma relação dialogal e interativa entre visitantes e visitados. Nesse modo relacional, nem os anfitriões são submissos aos turistas, nem os turistas fazem dos hospedeiros meros objetos de instrumentalização consumista (BURSZTYN, BARTHOLO E DELAMARO, 2009, p. 86).

O autor explica que o turismo comunitário assume a forma de organização sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários e guardam conformidade com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos (MALDONADO, 2009, p.31).

Para Araújo e Gelbcke (2008, p. 363/364), “É justamente no setor terciário, onde se insere a atividade turística, que se revela o potencial do Turismo Comunitário, por se caracterizar como uma proposta que visa integrar outros setores produtivos [...] e estar ajustado às formas solidárias e éticas de economia”.

Coriolano (2008, p. 281), também, aborda que localidades que se tornaram turísticas através da especulação imobiliária para dar lugar a diversos empreendimentos se descaracterizaram, e na esperança de gerar emprego e renda deu lugar a “pescadores que viraram garçons” e “rendeiras que se tornaram camareiras”, e enfatiza essa prática crescente no nosso estado, que vem sendo pesquisada e apoiada por diversos órgãos, incentivando o associativismo, a economia solidária, e a mobilização da sociedade em preservar seu território (CORIOLANO, 2009, p.279):

Algumas experiências positivas emergem e adotam o turismo de base local, que se volta para a oferta de serviços, passeios, entretenimentos associados aos valores dos residentes, priorizando o rústico e não o luxo, associado a atividades que dizem respeito à sustentabilidade socioespacial, priorizando valores culturais e descobrindo formas inteligentes de participação na cadeia produtiva do turismo, com produtos diferenciados. E, sobretudo, com uma visão própria de lugar, de lazer e turismo. Um turismo que não seja apenas voltado ao consumo, mas à troca de experiências, fortalecimento de laços de amizade e valorização cultural.

Scharer (2003, p. 333) descreve sobre o início das atividades comunitárias na Prainha do Canto Verde, localizada no município de Beberibe: “Em 1995, foi criado um grupo de trabalho que começou a estudar e debater diferentes propostas, procurando a participação de pessoas de fora [...] e em 1997 foi criado o Conselho de Turismo.” A partir daí, foi organizado o Seminário de Turismo Comunitário que aconteceu no ano de 1998, com o apoio da população local e do Instituto Terramar. Dentre os participantes do evento a Prefeitura do município, moradores de outras localidades, entidades ligadas à atividade turística e diversas ONGs, e em 3 dias foi planejado o Projeto de Turismo da Prainha do Canto Verde e a Cooperativa de Artesanato e Turismo: COPECANTUR. Segundo Scharer (p. 340, 2003): “O projeto da Prainha do Canto Verde deu origem a Rede de Destinos de Turismo Socialmente Responsável do Litoral do Ceará

integrando as comunidades de Ponta Grossa, Tatajuba, Balbino, Batoque e Caetanos dentre outras, que passam a fazer parte da rede brasileira de Turismo Comunitário”.

Coriolano (2003, p.30) cita o Cooperativismo como forma de trabalho em comunidades: cearenses que viram o cooperativismo um modo de desenvolver o turismo sem concentrar renda, pois os benefícios são aproveitados coletivamente. Assim, surgiram cooperativas de turismo” fazendo do Turismo Comunitário uma forma de desenvolvimento. Nessa direção Matos, Teixeira e Araújo (2013, p.431) comentam a reação organizada de populações preocupadas com o avanço do processo de “*turistificação*” dos espaços locais e tentando fugir dos especuladores conseguiram construir um turismo alternativo voltado à inclusão social e as atividades produtivas tradicionais, ao tempo em que pudesse proporcionar melhorias sociais. Com isso, a Rede, fomenta parcerias e estratégias visando à liderança nas comunidades e o desenvolvimento local do turismo.

3. Hospitalidade E Hospedagem

Telfer (2004, p.54) define hospitalidade como, a oferta de alimentos e bebidas e, eventualmente acomodação para indivíduos que não são membros regulares da casa. De modo geral as pessoas que concedem hospitalidade, os anfitriões, oferecem tais coisas em suas casas, partilhando seu próprio sustento com seus hóspedes.

Segundo Guzela (2014, p.19), hospitalidade “é uma palavra de origem latina que significa “acolhimento afetuoso”. O autor explica que consiste em uma estrutura de serviços que visa atender a uma demanda de turistas, principalmente a partir da hospedagem, como uma capacidade do indivíduo de receber bem os outros, manter o convidado à vontade [...] aos quais está habituado à sua casa. Está inscrito na hospitalidade o conceito de bem receber.

Para Lashley (2004, p. 12), as atividades de hospitalidade apoiam o desenvolvimento de laços sociais com terceiros e atendem as necessidades sociais. Além disso no âmbito doméstico, os indivíduos que hospedam estranhos em suas casas agem de acordo com seu status social, posição social e necessidades pessoais. A hospitalidade é um ato de convivência. De trocas, de compartilhar experiências (LASHLEY, 2004, p. 16), e podem contemplar o desejo de companhia, o acolhimento, o desejo de agradar alguém, a preocupação ou a compaixão ante necessidades de outros e o sentimento assumido do dever de ser hospitaleiro.

Segundo Coriolano (2008, p. 76), considera a hospitalidade como um conjunto de gestos que incluem, acolher e recepcionar aqueles que nos procuram; possui grande importância para o turismo, e explica que o primeiro elo da cadeia produtiva do turismo é o lugar com seus residentes ou anfitriões. Consequentemente, hospitalidade está relacionada à alimentação, transporte, e com o lugar visitado.

Entretanto, a autora (2008, p. 81,82) destaca que não é possível imaginar um mundo hospitaleiro para o turismo enquanto se esconde a pobreza, através da exclusão dos pobres”, pois “A hospitalidade no turismo é uma forma de relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões”. Para Coriolano (2008, p. 92),

A hospitalidade passa pela conservação da natureza, do meio ambiente, da cultura das cidades e pelo modelo de desenvolvimento. Está para além dos limites dos hotéis, restaurantes, lojas e estabelecimentos. [...] passa pelos lugares, pela forma de ocupação, pelo modo de vida dos residentes com suas implicações sociais, econômicas e ambientais. [...] hospitalidade é mais que hospedar e oferecer alojamento e proporcionar repouso e descanso aos viajantes.

De acordo com Selwin (2004, p.26), aqueles oferecem ou recebem a hospitalidade não serão mais os mesmos, depois do evento, como eram antes (...). A hospitalidade transforma: estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em

pessoas íntimas, não-parentes em parentes. De tal forma que tais princípios adquirem expressão em descrições etnográficas de uma grande variedade de sistemas sociais. Por sua vez, Dencker (2004, p. 189), informa que a hospitalidade se manifesta nas ações de convidar, receber e retribuir visitas ou presentes entre os indivíduos que constituem uma sociedade. Envolve também as formas de visitar, receber e conviver com indivíduos que pertencem a sociedades e culturas distintas. Dencker acrescenta que desse modo pode ser considerada com a dinâmica do dom. Todas as sociedades têm normas que regulam essas relações de troca entre as pessoas, o que parece demonstrar que, de alguma maneira, elas atendem a uma ou mais necessidades humanas básicas.

Para Sansolo (2004, p.168), “ao trilharmos o caminho da busca pela conceituação sobre a hospitalidade, procuramos evidenciar que se trata, antes de tudo, de um valor humano, construído socialmente e codificado culturalmente”. Ser hospitaleiro significa agregar valores, culturas, cultivar costumes, manter relações, além de ser um diferencial por, especificamente no caso do turismo nas comunidades, aliar-se a um serviço prestado por autônomos na sua localidade, tornando-se uma característica marcante.

Para Lima, Diogo e Souza (2008, p. 130), “Hospedagem constitui-se do meio onde o indivíduo pode encontrar infraestrutura e serviços que lhe proporcionem espaço e conforto para repousar ou dormir, fora do local de residência”. Lima, Diogo e Souza (2008, p. 138) citam as hospedagens alternativas como meio de hospedagem, a exemplo turismo de base comunitária, cujo diferencial sugere vivenciar o singelo - o cotidiano de uma determinada comunidade, compartilhar da cultura local e entrar em contato com a sua essência, vivenciando as coisas simples da vida.

Coriolano (2003, p. 38), menciona que em muitas comunidades, algumas famílias resolveram construir hospedarias, em suas residências para criar condições físicas de hospedar os turistas, como fez Icapuí, com o projeto *Em cada casa uma Estrela*, que criou o turismo residencial. Ali, o visitante participa um pouco do convívio com a família do pescador.

Para Guzela (2014, p. 38), “Tanto nas hospedagens mais simples quanto nas mais sofisticadas, um turista sempre irá necessitar de um equipamento de hospedagem [...] o setor de hospedagem é de fundamental importância para a atividade turística. ” Embora o Turismo Comunitário seja uma proposta alternativa, o visitante sempre necessitará de um alojamento, seja uma hospedagem domiciliar, uma pousada comunitária e até camping.

4. METODOLOGIA

A pesquisa consiste em estudo exploratório, qualitativo e transversal, realizado no primeiro semestre de 2015 em duas unidades da entidade estudada.

A realização dessa pesquisa implicou em duas etapas com seus recursos e metodologias diferentes, conforme sua função aos objetivos propostos: a primeira etapa do trabalho constituiu-se da revisão de literatura através de levantamento bibliográfico, baseada nos temas abordados nesse artigo e quem os autores são constantes pesquisadores e possuem amplo conhecimento sobre Turismo Comunitário, Hospitalidade e Hospedagem.

A segunda etapa consistiu em pesquisa de campo, que também se constituiu em uma pesquisa participante, sendo a coleta de informações realizada por meio de visita monitorada com observação sistemática em duas hospedarias, que representaram o objeto do estudo de caso.

A primeira unidade está localizada em Fortaleza e a segunda, na Comunidade de Caetanos de Cima, onde em apenas uma diária os autores se hospedaram, na intenção de vivenciar a hospitalidade local e obter a visão de hóspede no meio de hospedagem, tendo como instrumento de coleta de dados um roteiro para entrevista elaborada, de acordo com o referencial teórico, de caráter informal e semiestruturada, adotados como técnica de coleta de

dados, caracterizando o ambiente e o objeto pesquisado, e concluindo com a análise dos resultados e pressupostos, onde o processo de formação crítica sobre a pesquisa consolidou e interpretou os dados dos respondentes.

5. Ambiente Da Pesquisa: A Rede Tucum E Empreendimentos Vinculados

A Rede Tucum foi criada a partir de discussões, em 2006, sendo lançada na programação do II Seminário Internacional de Turismo Sustentável, que aconteceu em Fortaleza, no ano de 2008. Formada por 14 comunidades, sendo 12 comunidades localizadas na faixa litorânea: Assentamento Coqueirinho (Fortim), Batoque (Aquiraz), Caetanos de Cima (Amontada), Curral Velho (Acarau), Flecheiras (Trairi), Jenipapo- Kanindé (Aquiraz), Ponta Grossa (Icapuí), Pousada Tremembé (Icapuí), Prainha do Canto Verde (Beberibe), Tatajuba (Camocim), Vila da Volta (Aracati), Assentamento Maceió (Itapipoca) e dois pontos de hospedagem solidária na capital cearense: Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto e Conjunto Palmeiras, além do Instituto Terramar, uma organização não governamental sem fins lucrativos tendo sua sede em Fortaleza, que atua junto às populações costeiras cearenses com a finalidade de organizar, incentivar e promover o desenvolvimento integrado fundada no ano de 1993 (SCHARER, 2003).

A Rede busca o fortalecimento da proposta de turismo de base comunitária sendo pioneira no nosso estado, promovendo a articulação de comunidades que se propõem realizar o Turismo Comunitário no Ceará, que nasceu da percepção das mesmas em contraponto ao turismo convencional, pois para Araújo e Gelbcke (2008, p.366): “O Turismo Comunitário surge como uma alternativa ao turismo de massa. [...] é uma modalidade de turismo que prioriza o lugar, a conservação ambiental e a identidade cultural. ” Sobretudo, integram a Rede possuindo o controle efetivo territorial e se responsabilizando pelo planejamento turístico, bem como das atividades relativas ao turismo, produtos e serviços turísticos e a gestão.

Descrição de 10 Das Primeiras Iniciativas Integrantes Da Rede Tucum

*As comunidades associadas recentemente: Vila da Volta, no município de Aracati e Assentamento Maceió, localizada em Itapipoca não estão descritas nesse anexo.



Figura: 1*Mapa contém somente as 12 primeiras comunidades. 2 foram integradas pela Rede recentemente não sendo inseridas no Mapa da Rede Tucum: Assentamento Maceió, no município de Itapipoca e Vila da Volta, em Aracati

Fonte: FABRINO (2013).

Comunidade	Município	Origem do local	Turismo comunitário	Práticas
Assentamento Coqueirinho	Fortim (Litoral Leste)	Na década de 90, os moradores conquistaram o direito de morar e produzir neste lugar.	Teve início nos anos 2000, recebem turistas solidários de projetos em áreas vizinhas. Em 2004, são construídos os primeiros chalés e restaurante na comunidade.	Cultivos de apiário e si socioecon Bodega - N
Associação Mulheres em Movimento	Conjunto Palmeiras (sul de Fortaleza)	Na década de 1970, mais de 32 mil habitantes área cerca de 120 ha.	Aqui, as mulheres, apoiadas por suas famílias, fazem a gestão do turismo comunitário no Conjunto Palmeiras, oferecendo hospedagem e alimentação.	A organiza Cidadania. experiência que visam a comunidade Comunitário Movimento
Batoque	Aquiraz (Litoral Leste).	Junho de 2003, primeira Reserva Extrativista do Ceará.	Mais de 300 famílias vivem na beira do mar, tendo a pesca como a principal fonte de renda. A história de organização comunitária, a luta contra os especuladores imobiliários e a conquista do direito ao seu território é transmitida através das gerações.	A comunid práticas eco estabelece
Curral Velho	Acaraú (Litoral Oeste)	Comunidade de pescadores e marisqueiras, manguezal e a praia de Arpoejas. Tem turismo tradicional por seus atrativos naturais.	O Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário Encante do Mangue - é um lugar de acolhida, boa comida e atividades culturais da comunidade.	Destaque p do mangue (criação de
Flecheiras	Trairi (Litoral Oeste)	Flecheiras é a praia mais conhecida e frequentada do município de Trairi. É uma comunidade litorânea onde o turismo convencional já se apresenta bem desenvolvido.	Turismo com uma das principais atividades econômicas dessa comunidade	A prática Experiênci no país, es As algas b produtos de
Jenipapo-Kanindé	Aquiraz (Litoral Leste)	Uma entre nove etnias reconhecidas do Ceará.	A comunidade situada às margens da Lagoa da Encantada, próximo às dunas O turismo comunitário cresce em importância econômica entre os indígenas,	Renda básic da pesca na

			Realizam trilhas na mata, oferecem refeições aos visitantes em uma palhoça de gestão coletiva- o Cantinho do Jenipapo.	
Ponta Grossa	Icapuí (Litoral Leste)	APA de Ponta Grossa criada em 1998 composta de praias, dunas, planície, lagoas e mangues, além das matas, falésias e cajueiros.	Há uma única pousada no local e duas barracas de praia: a Pantanal e a do Seu Chico – da família Crispim, praticamente a única da comunidade cuja maioria dos habitantes, descendentes de holandeses, faz parte de uma mesma família, de sobrenome Crispim.	Cerca de 20 a venda de viveiros de
Prainha do Canto Verde	Beberibe (Litoral Leste)	1998 com a celebração do Seminário de Planejamento de Turismo Comunitário.	Projetos de turismo comunitário no litoral cearense. Por ano recebem cerca de 1.000 turistas para dormir na tranquilidade.	Destaque in Integração pesca, a ag de mulher
Tapeba	Caucaia (Litoral Leste)	União de etnias indígenas (Potiguara, Tremembé, Cariri e Jucá) deu origem ao município de Caucaia,	Há equipamentos culturais com história local: Centro de Produção Cultural Tapeba – CPC e Memorial Cacique Perna de Pau. No CPC	6.439 indíg Culinária lo presenciar da história
Tatajuba	Camocim (Litoral Oeste)	Em meados do século XX teve sua vila soterrada em decorrência do avanço das dunas. APA de tatajuba foi criada em 1994.	Comunidade de A ACOMOTA, Associação de Moradores tem atuado com diferentes projetos de desenvolvimento territorial e mais recentemente com o turismo comunitário. Grandes atrativos naturais e culinária regional, regata ecológica e festa de São Francisco.	Comunidade animais p distribui e Francisco, Histórica re para o tu resultado d Jericoacoar
Tremembé	Icapuí (Litoral Leste)	Outrora foi Comunidade hippie.	A Pousada Tremembé é gerenciada pela Associação Caiçara de promoção humana, uma Associação Local que, com os recursos gerados pela pousada, tem fomentado novos projetos sociais na região.	Turismo, p Tremembé de mar calh Associação de desenvol organizaçã

Quadro 1: ambiente da pesquisa pousadas da rede Tucum

Fonte: Sítio da web das unidades estudadas e Prefeituras Municipais.

5.1 Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto

O Centro de Formação é um alojamento do MST- Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, criado com o intuito de arrecadar fundos para o movimento, no ano de 2004. Desde 2007 participa da Rede Tucum como hospedaria solidária na capital. Localiza-se no Bairro São João do Tauape, compondo a Regional II da capital, especificamente, na Rua Paulo Firmeza, 445, sendo um local de fácil acesso, pois na mesma rua dá-se o acesso ao transporte coletivo até o Centro da cidade, e localiza-se próxima a Avenida Pontes Vieira onde há vários coletivos que dão acesso aos diversos terminais rodoviários. Logo na entrada, há uma placa com o nome do local, porém, sem referência à Rede Tucum.

A capacidade total de camas é para 80 pessoas, contudo, há armadores para redes e cada grupo pode trazer colchonetes, portanto, o espaço não limita uma quantidade máxima de pessoas. Cada quarto possui beliches, o maior quarto comporta até 10 pessoas, e cada quarto possui um banheiro privativo. Os quartos destinados aos turistas são em espaços mais reservados, permitindo, assim, maior privacidade. No local, há acessibilidade para portadores de necessidades especiais, através de rampas de acesso, no andar superior, e alguns dos banheiros são adaptados. Nesse andar há uma biblioteca com um acervo que prioriza o público infantil e dois espaços para eventos: um auditório e uma sala para reuniões. No local, há acesso à internet *wifi*. Logo na entrada, há um refeitório com capacidade para até 100 pessoas, sendo coberto por uma palha de carnaúba e, também, um espaço de lazer com churrasqueira. Quando o local recebe grupos, cozinheiras da Associação do Dendê elaboram as refeições mediante pagamento de diária. Os grupos podem elaborar o cardápio, sendo previamente acordado. A equipe que trabalha no local é composta por uma coordenadora que é a moradora do local, três ajudantes de serviços gerais e uma recepcionista, que recebe os visitantes, cuida da telefonia, define orçamentos de grupos e eventos. Todos recebem uma ajuda de custo com recursos do MST, não havendo, portanto, vínculo empregatício.

5.2 Caetanos de Cima

A Comunidade de Caetanos de Cima é uma das três comunidades do Assentamento Sabiaguaba, localizada no município da zona costeira oeste cearense de Amontada, a 210 km de Fortaleza e a 70 km do centro da cidade. O acesso ao local se dá pela CE 085, entretanto, para chegar a comunidade é preciso percorrer cerca de 18 km de estrada carroçal. Não há sinalização turística, ao chegarmos ao local nos deparamos com uma placa da Rede Tucum indicando que ali há uma comunidade turística. Há vans que saem diariamente da Rodoviária do Município de Itapipoca, distante 72 km do local. No local há 46 famílias que vivem da pesca artesanal, da agricultura de subsistência, do artesanato (renda de bilro e fuxicos) e do turismo comunitário.

A hospedaria estudada foi o Espaço Cabaça de Colo, uma pousada domiciliar que fica a 2 km da Praia de Caetanos. O local possui sala de jantar com notebook e internet à vontade, uma sala com televisão e redes, um quarto com cama de casal e uma suíte que também possui uma cama de casal, ambas possuem espaço para duas redes (o local disponibiliza as redes e as demais roupas de cama), as diárias incluem café da manhã e as demais refeições da culinária local podem ser feitas no próprio espaço, tanto na sala de jantar como numa ampla barraca aberta que fica logo na entrada onde há redes para descanso e espaço para luau, há espaço para guardar veículos e um agradável ambiente familiar. Telfer (2004, p. 66) diz, “nas pequenas comunidades todos os viajantes são forasteiros, com necessidade de alimento e abrigo pelo fato de estarem longe dos seus lares, e, habitualmente, sente-se a obrigação correspondente da hospitalidade”.

Para Gazoni (2005, p.107), “Os turistas necessitam, com poucas exceções, de um local para descansar e recuperar as energias durante seu tempo de permanência na destinação. Pode-se entender que a hospedagem é uma instalação imprescindível para o desenvolvimento do turismo em uma destinação.” Segundo Gazoni (2005, p.109), “O meio de hospedagem faz parte de um sistema complexo, relacionado diretamente com a comunidade local, sua cultura e o ambiente natural”.

O espaço surgiu a partir das articulações da Rede Tucum, em 2007, assim que os moradores do domicílio passaram a residir ali. Desde essa época, quando do lançamento da Rede, havia encontros com as outras comunidades que desejavam se associar e com o pioneirismo da Prainha do Canto Verde se exemplaram, e organizavam assembleias, encontros de capacitação, oficinas, seminários, planos envolveram desde jovens e as mulheres que se comprometeram em fazer daquele lugar um recinto turístico e acolhedor sem perder a identidade local. Os moradores locais veem o turismo de base comunitária crescente e eficaz ali (BORGES, 2011). O território se trata de um assentamento instalado e acompanhado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), portanto, sendo uma área de preservação ambiental. A agroecologia é cultivada em quintais produtivos para consumo próprio das famílias, sendo monitorada por pesquisadores da Universidade Federal do Ceará.

Como ponto de referência comunitário, próximo a escola e a capela há um espaço cultural denominado “Ponto de Cultura Abrindo Velas, pescando culturas”, que possui o apoio do Ministério da Cultura em alguns projetos e assessorado pelo Instituto Terramar. No espaço há reuniões das produções culturais locais, como registros fotográficos, publicações de cirandas, artesanato, Grupo Teatral Frutos da Arte e o Grupo Raíces do Coco, tradicional por demonstrar a Dança do Coco em lual e no evento anual “Terreiro Cultural”, que acontece no fim do mês de junho, encerrando as festividades da Novena de São Pedro, o Santo padroeiro dos pescadores. Na praia há o Galpão dos Pescadores, que abriga o Museu Casa da Memória, além da Festa da Terra, um evento cultural, sobretudo com conscientização ambiental, contando com a presença de autoridades, entidades que dão suporte a apoio e membros de outros assentamentos e de projetos sociais, reafirmando a posse do território pela comunidade que ainda sofre com tentativas de invasões.

5.3 Análise dos resultados

O objetivo geral deste trabalho visa descrever o Turismo comunitário praticado pela Rede Tucum, e com relação aos objetivos específicos: caracterização dos ambientes de pesquisa e seus participantes; apresentar as formas de hospitalidade e identificar os meios de hospedagem que a Rede oferta.

No local 1, a coordenadora de turismo do local foi a entrevistada, sendo empreendedora do espaço, e no local 2, a coordenadora do espaço foi a entrevistada, contudo, não é a empreendedora, pois somente exerce esse cargo, sendo responsável pelo espaço.

O público-alvo da hospedaria 1 são pessoas com suas famílias que desejam descansar, além de mochileiros, estudantes, pesquisadores e membros de entidades e organizações não governamentais. Os visitantes das comunidades são pessoas que possuem conscientização ambiental, desejam manter uma relação familiar com os anfitriões e querem se sentir em casa. Geralmente, são pessoas que procuram escapar do turismo convencional, ofertado na maioria dos destinos turísticos.

Quanto ao público-alvo da hospedaria 2 são grupos de estudantes e pesquisadores, membros de entidades, organizações não governamentais e das comunidades que compõem a Rede, sendo que a maioria é participante de eventos no próprio local, e hóspedes articulados para intercâmbio com as comunidades.

O diálogo entre os visitantes e os anfitriões na hospedaria 1 é incentivado de maneira natural, pois o visitante já busca o lugar por curiosidade, por se tratar de um local familiar. Zaoual (2009, p.59) explica a diferença das experiências dos turistas no turismo convencional e no turismo praticado pelas comunidades,

Se olharmos de perto, trata-se do desejo de um diálogo de sentidos entre os visitantes e visitados, que procura abrir um caminho através dos escombros que o turismo de massa uniformizador deixa para trás. Aqui, o reconhecimento intercultural faz sua irrupção e se rebela contra as forças do mercado que invadiram o universo das viagens e da aventura. Elas constituem um produto padrão e organizado. Resumindo, a economia padrão do turismo impede o diálogo das culturas.

No que tange à hospedaria 2, o diálogo entre os visitantes é incentivado devido às parcerias de causas sociais e entre os hóspedes indicados da Rede Tucum, através da busca pelo diferencial que o turismo comunitário oferta e a particularidade do lugar. Guzela (2014, p.23) aborda, “Na Antiguidade, a postura de hospedar pessoas e tratá-las como integrantes da casa já era um conceito difundido”.

Para a hospedaria 1, o incentivo de se associar à Rede é devido à assessoria e a parceria que oferece, visando o enfrentamento da comunidade no tocante à resistência da especulação imobiliária e o fortalecimento do turismo que deseja, preservando o meio ambiente, a cultura local e os saberes tradicionais, além da fonte alternativa de renda para os envolvidos, e a realização da Escola Popular de Turismo Comunitário, que capacita os jovens moradores locais para difundirem a prática e se tornarem monitores de guiamento e moderadores do blog da comunidade, e nas redes sociais.

O incentivo gerado pela Rede do local em se associar para a hospedaria 2 é motivado pelos princípios ideológicos em comum, que é o enfrentamento ao modelo convencional. Quanto à diferença entre o turismo de base comunitária e o turismo global é praticado em sua maioria por turistas que não possui preferências segmentadas.

Na hospedaria 1, quem controla o turismo é a coordenação de turismo local. A hospedaria 2 deseja promover ainda mais o turismo local com roteiros de passeios turísticos para os grupos que participam de eventos e se hospedam no espaço. Um fator dificultoso para a Rede é a comercialização dos destinos, pois poucas são as agências que possuem interesse no ramo, contudo a Rede vem capacitando moradores com perfis de líderes para atuarem como agentes das próprias comunidades. A falta de conhecimento técnico dos envolvidos na modalidade dificultou a linguagem entre pesquisador e entrevistados, uma vez que não se sentiram à vontade com certos termos do turismo convencional e, também, há poucos agentes de turismo envolvidos com a atividade, como acadêmicos na área e técnicos em guia, principalmente, para disseminar a prática na capital.

Quanto à interação do turista com o lugar 1, o mesmo possui o interesse de conhecer a rotina e as paisagens paradisíacas. No convívio com as famílias, através de conversas caseiras e na relação com as crianças, e com os nativos, busca conhecer o cotidiano dos moradores, seus trabalhos e manifestações culturais. Para Sampaio (2007, p. 158), “Turismo comunitário não se limita apenas à observação ou ainda, a convivência com as populações autóctones, mas consiste também no envolvimento com os próprios projetos comunitários.”

Já no lugar 2, essa interação se dá através das lutas pelo território, pois o perfil do visitante propicia essa interação, por se tratar de pessoas com vivência nesse âmbito.

No tocante às parcerias Inter setoriais, ambas têm o apoio do Instituto Terramar e da Rede Tucum e a renda arrecadada é para o próprio sustento das famílias, entretanto 10% da renda anual são destinadas a um fundo que é repassado a Rede Tucum, porém, na hospedaria 2, a renda dos hóspedes da Rede é destinada totalmente para a hospedaria, sendo, portanto, a parceria com a Rede no fomento à divulgação e ao apoio em eventos e intercâmbios dos turistas.

O resultado do turismo comunitário na hospedaria 1 contribui na qualidade de vida da comunidade e na percepção do que se quer para o lugar, um turismo sustentável e solidário. Quanto ao resultado do turismo comunitário no local em âmbito social na hospedaria 2, é visto como uma geração de valores e trocas de vivência e ideias. Pinto e Castro (2013, p. 215) consideram que o turismo de base comunitária “pode ser entendido como uma rede social que integra um conjunto de práticas originadas e incorporadas pela comunidade receptora, considerando a participação coletiva orientada para o benefício comum como o principal dispositivo de tomadas de decisões”.

Segundo Irving (2009, p.111), a tendência turismo de base comunitária nos locais,

Aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. Este tipo de turismo representa, portanto, a interpretação “local” do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização.

Do ponto de vista econômico, as entrevistadas ressaltam que o turismo comunitário é um importante fator na economia local. Do ponto de vista cultural, na hospedaria 1 os eventos promovem as manifestações culturais efetuando na identidade local. Na hospedaria 2 os eventos que acontecem geralmente são ligados as causas sociais e de fortalecimento da cultura popular, e o ambiente do local propicia para tal. Para Irving (2009, p. 115).

A valorização da cultura local constitui parâmetro essencial em turismo de base comunitária, não no sentido na configuração de um “produto” de mercado, mas com o objetivo de afirmação de identidade e pertencimento. Isso só acontecerá em iniciativas de motivação endógena que internalizem cultura como patrimônio e história e, portanto, garantia de coesão social.

Quanto à percepção das entrevistadas sobre o Turismo Comunitário no Ceará, ambas possuem a mesma opinião, afirmando que há público e demanda e é uma atividade crescente, pois já são feitas articulações para mais localidades se associarem à Rede. Irving (2009, p.112) ressalta a importância do envolvimento da comunidade nesse processo: “O protagonismo social resulta do sentimento de pertencimento e do poder de influência sobre os processos de decisão [...]. Neste caso, o turismo de base comunitária se inscreve na perspectiva de desenvolvimento local.” Completando essa visão, Irving frisa (2009, p. 113): “Se a iniciativa de desenvolvimento turístico não for resultante da inspiração e da motivação real dos grupos humanos que interagem [...] no lugar turístico, qualquer projeto com este objetivo tenderá a ser apenas formal e de duração limitada.” Irving complementa (2009, p.114).

A perspectiva da participação das populações locais no processo de planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos, representa um elemento essencial para a sustentabilidade das iniciativas propostas e para a garantia ética de conservação do patrimônio natural e cultural. [...] Mas é também fundamental que se compreenda que os processos participativos são lentos, envolvem custos adicionais nem sempre considerados nos orçamentos em planejamento turístico, e exigem um elevado investimento em formação de recursos humanos e construção de arcabouços metodológicos capazes de lidar com as especificidades locais e gerar respostas. Sendo assim, não se podem imaginar iniciativas de curto prazo com o objetivo de mobilização dos atores locais para o turismo de base comunitária, principalmente pelas gestões culturais envolvidas, tanto no plano institucional da gestão pública quanto sob a ótica da dinâmica social do lugar turístico.

Para Irving (2009, p.119), “Portanto, inovar é possível e o turismo de base comunitária talvez represente uma oportunidade de construção de novas realidades e transformação social, no caso brasileiro, se for interpretado como alternativa sustentável, ética e humanizadora.”

6 Conclusão

O presente estudo teve como objetivo geral descrever o Turismo de base comunitária no Ceará, a partir da Rede Tucum. Os resultados mostraram que o turismo comunitário é uma atividade crescente no estado do Ceará e que a rede tem articulações com mais comunidades a se associarem.

Embora as comunidades não possuam o conhecimento técnico, através de seus saberes e fazeres conseguem junto às potencialidades do local, transformar socialmente seu modo de vida e trabalho sem afetar a cultura do lugar e transformar o território de lutas e conquistas em lugar turístico.

No tocante aos objetivos específicos, dois dos diversos meios de hospedagem da Rede Tucum foram caracterizados, bem como seus participantes, resultando na visão de auto-gestão do turismo comunitário em suas hospedarias.

Quanto às formas de hospitalidade da Rede, os dois espaços se caracterizam como locais que possibilitam aconchego, a troca de experiências e são solícitos ao visitante desde a cama arrumada, a alimentação bem servida, a decoração, redes de balanço, e a preocupação de todo bom anfitrião.

Com relação à identificação dos meios de hospedagem da Rede, os resultados mostram que os dois espaços são situados em locais diferentes, bem como possuem características diferenciadas, embora seus princípios sejam norteados às causas sociais, a luta pelo território e pela manifestação da cultura local e dos saberes e na preservação ao meio ambiente, que resultam na atividade turística comunitária.

Os envolvidos no turismo comunitário no Ceará têm um longo processo de mais descobertas, porém com a ética responsável adotada, a manutenção das atividades, o controle efetivo da atividade e do território, trabalhando de forma associativista e cooperativista e com o fortalecimento da rede, as incipiências serão desenvolvidas e devido a demanda, a atividade continua com potencial para crescimento.

O turismo comunitário emerge assim, como experiência de sucesso em localidades específicas, vinculadas ao chamado turismo com responsabilidade social, e assim pode aspirar a atributo de sustentável atendendo às necessidades dos turistas e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro (OMT).

Referências

ARAÚJO, Guilherme. GELBCKE, Daniele Lima. Turismo comunitário: uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação**. Santa Catarina: v. 10, n. 3, p. 357–378 Disponível em: <<http://www.univali.br/ensino/pos-graduacao/mestrado/mestrado-academico-em-turismo-e-hotelaria/revista-turismo-visao-e-acao>>. Acesso em 22 abr. 2015.

BARTHOLLO, Roberto. DELAMARO, Maurício. URSZTYIN, Ivan. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: _____. (Org) **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública.** Ministério do Turismo: Brasília, 2010.

BORGES, Cícera Inara Oliveira Sousa. **O Turismo comunitário em comunidades costeiras tradicionais na zona costeira do Ceará: em foco a experiência da Rede Tucum.** 139 f. Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação em Geografia. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2011.

CORIOLOANO, Luzia Neide. Turismo Comunitário: emergência de políticas alternativas. In: **Turismo: Gestão da Cadeia Produtiva.** Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste, 2008.

_____. O turismo comunitário no Nordeste brasileiro. In: BARTHOLO, Roberto. DELAMARO, Maurício. URSZTYIN, Ivan. (Org) **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

_____. O desenvolvimento voltado às condições humanas e o turismo comunitário. In: LIMA, Luiz Cruz. (Org) **Turismo comunitário e responsabilidade sócio-ambiental.** Fortaleza: EDUECE, 2003.

_____. O Turismo e o Movimento Cooperativista. In: _____. (Org) **O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local.** Fortaleza: FUNECE, 2003.

_____. Discutindo a hospitalidade. In: _____. **Políticas de turismo: estratégias para a sustentabilidade.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

DENCKER, Ada de Freitas Manetti. Considerações finais: hospitalidade e mercado. In: _____. (Org) **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade.** São Paulo: Pioneira, 2004.

FABRINO, Nathália Hallack. **Turismo de base comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Maio de 2013.

GAZONI, Jefferson Lorencini. Sustentabilidade em meios de hospedagem. IN: DIAS, Reinaldo. PIMENTA, Maria Alzira. (Orgs) **Gestão de hotelaria e turismo.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

GUZELA, Guilherme. **Gestão de meios de hospedagem.** Curitiba: InterSaberes, 2014.

IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a reflexão sobre o Turismo de base comunitária. Inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto. DELAMARO, Maurício. URSZTYIN, Ivan. (Org) **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. IN: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alisson. (Org) **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado.** Barueri: Manole, 2004.

LIMA, Ana Clévia Guerreiro. DIOGO, Maria Helena. SOUZA, Maria Evanir Morais de. A importância dos meios de hospedagem na cadeia produtiva. In: **Turismo: Gestão da Cadeia Produtiva.** Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste, 2008.

MALDONADO, Carlos. O Turismo rural comunitário na América Latina. In: BARTHOLO, Roberto. DELAMARO, Maurício. URSZTYIN, Ivan. (Org) **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009

MARTINS, Rosa. (Org.) **Caderno de Normas da Rede Tucum- Rede Cearense de Turismo Comunitário**. Fortaleza: Instituto Terramar, 2013.

MATOS, Caroline de Fátima Almeida. ARAÚJO, Maria Lianeide Souto. TEIXEIRA, Maria do Socorro Gondim. Interesses, Políticas públicas e desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Ceará. **Revista Turismo Visão e Ação**. Santa Catarina: v. 10, n. 3, p. 357 – 378 Disponível em: <<http://www.univali.br/ensino/pos-graduacao/mestrado/mestrado-academico-em-turismo-e-hotelaria/revista-turismo-visao-e-acao>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

NARLLA, Hayanne. **Pescadores e índios unem-se para promover o turismo sustentável no litoral do Ceará**. Tribuna do Ceará. 5 de Fevereiro de 2015. Disponível em <[https://tribunadoceara.uol.br/pescadores e índios unem-se para promover o turismo sustentável no litoral do Ceará](https://tribunadoceara.uol.br/pescadores-e-ndios-unem-se-para-promover-o-turismo-sustentavel-no-litoral-do-ceara)>. Acesso em 06 jun. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Guia de desenvolvimento do turismo sustentável. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PINTO, Roque. CASTRO, Luciana Luisa Chaves. Sustentabilidade e turismo comunitário: aspectos teórico- conceituais. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 13- n. 2 Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno>>. Acesso em 22 abr. 2015.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. **Turismo em Análise**. v 18- n. 2, p.148-165 / novembro 2007

SANSOLO, Davis Gruber. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento. In: DENCKER, Ada de Freitas Manetti. (Org) **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira, 2004.

SCHARER, René. O Turismo sustentável na Prainha do Canto Verde. In: CORIOLANO, Luzia Neide (Org). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alisson. (Org) **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitalidade”. In: LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alisson. (Org) **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado. Quais as transições? In: BARTHOLO, Roberto. DELAMARO, Maurício. URSZTYIN, Ivan. (Org) **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.